



da terra Pag. 8 e 9

DEPOIS DE TER "SEGURADO O BARCO", MARIA MANUEL CRUZ DIZ ESTAR PRONTA PARA TRANSFORMAR AS CRÍTICAS EM "SOLUÇÕES REAIS"

A Presidente da Câmara Municipal de Espinho, Maria Manuel Cruz, aproveitou a sessão solene de comemoração do 52º aniversário de elevação de Espinho a cidade para responder. A autarca considera que o concelho está hoje "mais estável" e com "perspetivas de futuro", assentes numa política "séria e responsável" e de continuidade. Para a edil, a cidade começa agora a "respirar" e também a "sara" as feridas institucionais provocadas pela detenção de Miguel Reis no âmbito da Operação Vórtex, em janeiro de 2023. O poeta José-Emílio Nélsón, o historiador Armando Bouçon e a associação de proteção animal "Patinhas sem Lar" foram os principais homenageados das comemorações



nascente Pag. 2

PARTIU DANIEL DIAS, SÓCIO FUNDADOR E ATIVISTA DA NASCENTE

Daniel Ferreira Dias fez parte do quotidiano da Cooperativa durante décadas, tendo assumido diversas tarefas e responsabilidades, inclusive no Maré Viva

cultura Pag. 6 e 7

CINEMA, IA E HABITAÇÃO: O FEST ESPELHA OS DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE

Em entrevista, Fernando Vásquez traça as principais linhas da programação e atenta no papel crescente do festival no panorama internacional

desporto Pag. 14

"TIGRES" CONQUISTAM A SUPERTAÇA DE AVEIRO E FECHAM ÉPOCA COM FESTEJO DUPLO

SC Espinho somou o segundo troféu da temporada ao vencer o Florgrade FC por 2-0 em Oliveira de Azeméis

nascente

Faleceu Daniel Dias, sócio fundador e ativista da Cooperativa Nascente

Daniel Ferreira Dias, de 76 anos, espinhense, faleceu hoje, 18 de junho, vitimado por doença prolongada. Era associado da Cooperativa Nascente, com o número 4, o que fazia dele um dos sócios fundadores da Cooperativa. O Daniel – era assim que todos o conhecíamos e tratávamos – fez parte do quotidiano da Nascente durante décadas e assumiu a qualidade de ativista sempre disponível para o que fosse preciso, sem cuidar de protagonismos ou lugares de eventual destaque. Por isso, quem o encontrava tantas vezes na sede e outros espaços da Cooperativa sabia que ele estava ali para colaborar onde pudesse ser útil e contribuir para a ação coletiva.

E apreciava nele uma maneira de ser que primava pela boa disposição e pelo humor, pela palavra amiga, pelo sorriso cúmplice, pela disponibilidade para ouvir. Por isso, o Daniel assumiu uma grande diversidade de tarefas e responsabilidades, como se percebe ao consultar as sucessivas listas dos Corpos Gerentes, onde o nome dele se encontrava invariavelmente, fosse na Direção da Cooperativa, na Assembleia Geral, ou no Conselho Fiscal, órgão para que foi eleito nas eleições mais recentes.

Tinha um especial carinho por este jornal Maré Viva, assumindo como uma das suas tarefas primeiras, com outros voluntários como ele, a distribuição do semanário junto dos quiosques e a entrega nos CTT, o que incluía o endereçamento para os assinantes, num tempo em esse era um processo manual, com a escrita dos nomes e moradas em etiquetas e respetiva colagem na contracapa de cada exemplar.

Ainda no Maré Viva, assumiu colaborações redatoriais em diversos períodos, designadamente no noticiário local e na cobertura das sessões da Assembleia Municipal. E colaborou noutras secções da Cooperativa, Centro Livreiro, Cinanima e Área administrativa e financeira. Daniel Ferreira Dias foi também um excelente praticante de futebol, tendo



integrado as equipas de juniores do Sporting de Espinho. Profissionalmente, foi funcionário da Autoridade Tributária, missão que concluiu como chefe da Repartição de Espinho, e em que foi reconhecido pela sua competência e pelo trato com contribuintes e funcionários.

O Maré Viva e a Cooperativa Nascente endereçam à sua Família os mais sentidos pêsames.

António Santos

PUB

AL . TEATRO . CINEMA . DANÇA . CERÂMICA . MÚSICA . AMBIENTE . JORNAL . TEATRO . CINEMA . DANÇA . CERÂMICA . MÚSICA . AMB

NASCENTE

49 anos a dar voz à cultura

1% do seu IRS ajuda-nos
sem custos a levar a cultura a todos

NIF: 500 615 268 no modelo 3, quadro 11
campo 1101

opinião

A desordem sobre rodas



Tiago Afonso

Violinista

Há algo de profundamente intrigante na forma como nos habituámos à presença das trotinetas elétricas, dos monociclos e de outros veículos de duas rodas a circular pelas nossas estradas e cidades. Entraram em cena como símbolos da nova mobilidade urbana: mais limpa, mais prática, mais económica. Pareciam anunciar o fim da dependência do automóvel e prometer uma mobilidade mais amiga do ambiente. Mas com o tempo, começaram a revelar o outro lado do seu impacto, mais silencioso mas, nem por isso, menos preocupante.

Hoje, cruzamo-nos com eles em todo o lado. Circulam entre automóveis, serpentam entre peões, ocupam passeios, cruzam passadeiras e por vezes deslizam em contramão. Muitos condutores são jovens, alguns ainda adolescentes, sem capacete, sem qualquer formação em regras de trânsito, sem seguro. Porque podem. Porque a lei o permite. E porque o mercado, primeiro através das operadoras de aluguer e agora cada vez mais pelos veículos pessoais, tratou de os tornar quase omnipresentes.

Legalmente, em Portugal, estes veículos com velocidade até 25 km/h são equiparados a bicicletas. A comparação é conveniente para os que os promovem e para os que os utilizam, mas dificilmente se sustenta na prática. Uma bicicleta, conduzida com esforço físico e ritmo previsível, não se comporta como uma trotinete elétrica capaz de arrancar em

segundos e atingir velocidades suficientes para provocar lesões graves numa queda. E no entanto, a maioria dos utilizadores circula como se a estrada fosse um palco livre, improvisado e sem ensaio.

Os dados são claros: em 2023, os acidentes envolvendo veículos de mobilidade suave, incluindo trotinetas e bicicletas, resultaram em 26 mortes e mais de três mil feridos. Mas os números não contam tudo. O que é difícil quantificar é a cultura de desresponsabilização que se instalou. Circula-se sem seguro, mesmo sabendo que, em caso de atropelamento a um peão ou colisão com um carro, as consequências são reais e podem ser sérias. Circula-se sem capacete, como se a liberdade de escolha se sobrepujasse ao valor da integridade física. E circula-se, sobretudo, sem consciência plena de que o espaço público é de todos e não apenas de quem se desloca com mais engenho.

Este é, talvez, o ponto mais sensível: não se trata apenas de falta de regulamentação. Trata-se de falta de civismo. A ausência de regras obrigatórias e claras é um convite à negligência, e esta, quando tolerada, transforma-se em normas culturalmente aceites. Há quem diga que estes são apenas sinais de uma transição, que estamos a aprender, que tudo isto é novo. Mas o tempo da aprendizagem tem de ter um fim, sobretudo quando já há mortos, feridos e uma crescente sensa-

ção de desordem nas ruas.

Não se questiona aqui o mérito da micromobilidade. Ela veio para ficar e pode, de facto, ser parte da solução para cidades menos poluentes e mais acessíveis. Mas o futuro não se faz apenas de inovação. Faz-se de convivência, respeito e responsabilidade partilhada. O que está em causa não é a existência dos veículos, é a forma como os integramos. Ou melhor, a forma como falhámos ao integrá-los.

O espaço urbano não é neutro. Traduz escolhas políticas, prioridades sociais e visões de futuro. Quando deixamos que estes veículos circulem sem exigências mínimas, nem habilitação, nem seguro, nem proteção estamos, na verdade, a assumir que a conveniência se sobrepõe à segurança. E que a rapidez do avanço tecnológico pode dispensar a maturidade das decisões públicas.

Mas as nossas ruas não podem ser um teste constante ao limite do aceitável. Ou começamos a pensar a mobilidade como um ecossistema onde cada ator, peão, ciclista, condutor, utilizador de trotinete ou monociclo, tem obrigações e não apenas direitos, ou estaremos a construir uma liberdade de fachada. E sabemos, já devíamos saber, que a liberdade sem responsabilidade não é progresso. É apenas desordem em movimento.

PUB INST

a maré chega por correio

Assine já
agenda.mareviva@gmail.com



18€/ano

50 edições digitais +
5 edições especiais em papel
com suplemento temático

Ficha Técnica

Diretor Henrique Neves
SubDiretor Ricardo Gouveia
Editor e Redator Principal Joel de Oliveira
Projeto gráfico António Coxito
Redatores Rafael Oliveira e Adriana Resende de Castro
Fotografia Joel de Oliveira
Paginação Beatriz Silva
Apoios e Parcerias Cristina Novo
Publicidade Margarida Pinho
Tesouraria Cristiano Ribeiro
Promoção Institucional Catarina Ferreira
Colaboradores Tiago Afonso

Redação e Paginação

Rua 62 n. 251 4500-366 Espinho
Telefone 227 331 355
E-mail jornal@mare-viva.pt
Redação e Secretaria
 Rua 62 n. 251 4500-366 Espinho
Telefone 227 331 357

Propriedade

Nascente
 - Cooperativa de Acção Cultural, CRL
 Rua 62 n. 251 4500-366 Espinho
NIF 500 615 268
Número de registo do Título
 104499, de 28/06/76
Depósito Legal 2048/83

Os textos de Opinião publicados nesta edição são da inteira responsabilidade dos seus autores, não vinculando, direta ou indiretamente, o cariz editorial e informativo deste jornal.

Estatuto editorial:

O Maré Viva, enquanto propriedade de uma Cooperativa de Acção Cultural e Jornal de carácter regional, propõe-se:
 - Noticiar de forma independente, objetiva e isenta, todos os factos importantes da vida política, social, cultural e desportiva regionais;
 - dar um especial ênfase a todas

as manifestações de carácter cultural, procurando, com a respetiva divulgação, contribuir para o fomento cultural da região;
 - Defender sempre, de forma intransigente, os princípios constitucionais da República Portuguesa, procurando, desse modo, contribuir para que sejam alcançados os grandes designios nacionais;
 - Respeitar os princípios deontológicos da imprensa e a ética profissional, de modo a não poder prosseguir apenas fins comerciais, nem abusar da boa fé dos leitores, encobrindo ou deturpando a informação.

cultura agenda



20 E 21 DE JUNHO – EVENTO

Basqueiral 2025

Parque de Santa Maria de Lamas

O Festival Basqueiral está de volta para a sua 9.ª edição, nos dias 20 e 21 de junho, ocupando os Jardins do Parque, a Igreja e o Museu de Santa Maria de Lamas. O evento volta a apostar numa programação dedicada à música alternativa, reunindo artistas nacionais e internacionais. O cartaz inclui nomes como The Legendary Tigerman, The Parkinsons, Black Bombaim com Pedro Alves Sousa, Maria Reis, bbb hairdryer, Calcutá, além dos britânicos Famous e Mermaid Chunky, estes últimos em estreia absoluta em Portugal. A banda britânica destaca-se pela fusão de folk medieval, electropunk e cabaré, com referências sonoras que passam por James Murphy. A programação internacional conta ainda com os belgas Avalanche Kaito e Landrose (punk/eletrónica), o alemão Chris Imler e os brasileiros MONCHMONCH.



20 A 23 DE JUNHO – EVENTO

São João de Paramos e N. Senhora da Aparecida Praia de Paramos

A Praia de Paramos, em Espinho, recebe as Festas de Paramos entre os dias 20 e 23 de junho, com atuações musicais e atividades para diferentes públicos. Na sexta-feira, dia 20, atuam Rute Marlene (22h00), Bossa Nova (23h00) e DJ Ricardo Figueiredo (02h00). No sábado, 21 de junho, o programa inclui Marchas Infantis (15h00), Bruno Cordeiro (17h00), TEKOS (22h00) e Pé de Samba (01h00). No domingo, dia 22, sobem ao palco o Grupo de Concertinas Joaquim Nogueira (16h00), Zé Amaro (22h00), GJ Show (23h45) e DJ Pedro Moreira (02h00). Na segunda-feira, 23 de junho, a animação continua com Grupo Kapittal (22h30) e DJ Sandro Amaral (01h00). O evento tem o apoio da Junta de Freguesia de Paramos e do Município de Espinho, com produção da Imaginamos Fazemos.



21 DE JUNHO – MÚSICA

Cartas Cantadas

Museu Júlio Dinis – Ovar

21h30

Cartas Cantadas é um ciclo de canções escritas a partir das epístolas de Mariana Alcoforado, encomendado por Filipa Portela a três compositores atuais (Fátima Fonte, João Pedro Oliveira e Gregor Forbes), com o apoio da DGArtes. Neste concerto, Filipa Portela (voz e comentários) e Philippe Marques (piano) apresentam, em estreia absoluta, o ciclo dedicado a Mariana Alcoforado, sendo complementado o programa com outras peças alusivas à temática feminina.



21 DE JUNHO – MÚSICA

Al Di Meola

Auditório de Espinho – Academia

21h30

Al Di Meola é uma das maiores referências da guitarra das últimas décadas. O seu percurso eclético lançou-se com a participação no grupo Return to Forever, uma das referências na ligação do jazz ao rock. Ultrapassando fronteiras estilísticas, o grupo marcou um período. Neste concerto do FIME, Al Di Meola traz-nos a versão acústica de "TWENTYFOUR", um álbum lançado o ano passado. Inicialmente, uma experiência intimista feita durante o confinamento, materializou-se num excitante cruzamento de linguagens em que as cordas da guitarra ganham uma vida muito especial, com profundidade, precisão e paixão.



22 DE JUNHO – MÚSICA

Festival Júnior – Colóquio 6

Auditório de Espinho – Academia

11h30

A Flauta Mágica é uma obra fundamental do Classicismo Vienense. Nela, Mozart transmite os ideais da época através do canto. Contudo, o texto e as línguas limitam o seu público. Este espetáculo é um arranjo camerístico para os Colóquio 6 de momentos emblemáticos da narrativa. Dessa forma, tornam a linguagem e os valores de Mozart universalmente acessíveis. Como Espinho e o cinema de animação têm uma longa história juntos, os Colóquio 6 apresentam a música de Mozart com um filme de Dax Niesten, artista visual e músico, numa apresentação muito especial.



22 DE JUNHO – MÚSICA

Ars Ad Hoc

Auditório de Espinho – Academia

18h00

Um recital de música de câmara dedicado aos Modernismos é uma proposta aliciante. Os ars ad hoc são um coletivo de jovens músicos portugueses que se dedica a esses repertórios. Do pioneirismo do "Prélude à l'après midi d'un faune", num arranjo muito especial, até à homenagem de Tristan Murail ao seu professor Olivier Messiaen, é uma viagem que contrapõe os primeiros modernismos às inovações spectralistas. Uma cadeia de tradição dos modernismos com epicentro em França.

cultura notícias



BASQUEIRAL REGRESSA A SANTA MARIA DE LAMAS COM PROPOSTA MUSICAL ARROJADA E FORA DO COMUM

Nos dias 20 e 21 de junho, Santa Maria de Lamas volta a receber o Basqueiral, que celebra em 2025 a sua 9.ª edição. Conhecido por fugir aos lugares-comuns, o festival aposta numa programação ousada e original, reunindo artistas nacionais e internacionais com linguagens musicais alternativas e marcadamente singulares. Mantendo-se fiel ao espírito que o caracteriza desde 2017, o Basqueiral volta a ocupar os Jardins do Parque e o Museu de Santa Maria de Lamas, num encontro entre natureza, património e música que se tornou uma marca identitária do evento. O cartaz deste ano destaca-se

pela diversidade e irreverência, com nomes como Black Bombaim & Pedro Alves Sousa, cuja fusão de psicadelismo e improvisação promete um dos momentos mais intensos do festival. A eletrónica provocadora de Chris Imler, vindo de Berlim, marca presença, assim como o enigmático Calcutá, figura destacada do underground nacional. Os excêntricos Monch Monch, os enérgicos The Parkinsons e a sensível e cada vez mais madura Maria Reis reforçam a riqueza e pluralidade da programação. Uma das grandes novidades será a estreia absoluta em solo português do duo britânico Mermaid Chunky, com uma sonori-

dade inesperada que mistura folk medieval, electropunk e cabaré – apontado como um dos possíveis destaques dos festivais deste ano em Portugal. O alinhamento completa-se com outros nomes de peso e descoberta, como The Legendary Tigerman, Famous, bbb hairdryer, Avalanche Kaito, Zancudo Berraco e Landrose, reforçando a identidade do Basqueiral como espaço de experimentação e liberdade artística. Fiel à sua missão de dar palco ao que escapa à cultura mainstream, o Basqueiral volta a afirmar-se como um dos festivais mais autênticos e desafiantes do panorama nacional.

FESTA 2025 celebra a lusofonia com música e diversidade em Ovar

O Parque Urbano de Ovar volta a transformar-se num palco multicultural com o FESTA 2025, que decorre nos dias 11 e 12 de julho, com entrada livre. Durante dois dias, o festival celebra a música e a riqueza cultural dos países de língua portuguesa, num ambiente de partilha e encontro entre gerações e tradições. Com três palcos espalhados pelo par-

que, o evento oferece concertos, oficinas e atividades para todas as idades, promovendo a convivência e a descoberta da diversidade lusófona. Entre os primeiros nomes confirmados do cartaz estão os Sétima Legião, A Garota Não, Fogo Fogo, Cacique'97 e outros projetos que trazem sons vibrantes de Portugal, Cabo Verde, Moçambique e além.

Alicerçado nos sabores locais, o Festival de Cerveja Artesanal está de regresso à Feira

Entre 27 e 29 de junho, o Mercado Municipal de Santa Maria da Feira acolhe mais uma edição do Festival de Cerveja Artesanal com Lúpulo Feirense, uma celebração da produção cervejeira nacional com foco no lúpulo cultivado localmente. O evento reúne dezenas de produtores de todo o país, combinando degustações com gastronomia de rua, show-

cookings, provas comentadas e experiências de harmonização. O lúpulo da região volta a assumir o protagonismo como símbolo da identidade local. Além da vertente gastronómica, o festival oferece animação para todas as idades, com música ao vivo, DJ sets, atividades infantis, artesanato e um ambiente urbano e acolhedor no coração da cidade.

Coro Amigos da Música representa Espinho em encontro internacional na Galiza

O Coro Amigos da Música de Espinho participou, a 7 de junho, no XVI Encontro Internacional de Coros Villa de Foz, na Galiza, a convite do anfitrião Coral Polifónica de Foz. O evento decorreu na imponente basílica de San Martinho de Mondonhedeo, monumento de referência no património ibérico. Também presente

esteve o grupo Cor Son Dameto, oriundo de Palma de Maiorca. A jornada musical terminou com um convívio entre os grupos participantes, reforçando os laços culturais e de amizade entre as diferentes formações corais.

cultura

Cinema, IA e Habitação: FEST 2025 Espelha os Desafios do Nosso Tempo

Adriana Resende de Castro



O FEST está de regresso a Espinho para a sua 21.ª edição, entre 21 e 29 de junho. Com o lema "The Future is Unwritten", o festival aposta numa programação que cruza descoberta, reflexão e inovação, mantendo firme o seu compromisso com os novos talentos da Sétima Arte. Para compreender o rumo e os desafios desta edição, conversámos com Fernando Vasquez, Diretor de Programação do FEST, que partilha a visão do evento, os bastidores da seleção de filmes e o papel crescente do festival no panorama internacional.

O festival regressa a Espinho de 21 a 29 de junho. Como define a identidade do FEST, nestes últimos anos, e quais os grandes avanços até esta 21.ª edição?

Após as primeiras edições, em que o FEST estava ainda à procura do seu espaço, o festival rapidamente se demarcou dos restantes, pela forma como constituiu um conjunto de atividades que pretendiam preencher algumas lacunas reconhecidas no setor do cinema. Esse caminho acabou por definir a nossa identidade, sendo, hoje, a de um festival que tem como objetivo máximo a descoberta de novos talentos e a criação de um espaço de partilha de perspetivas construtivas, que estimulem um caminho para mais e melhores filmes e condições na indústria cinematográfica. Somos uma espécie de plataforma de desenvolvimento para novos autores, artistas e profissionais.

Para 2025 o grande objetivo é cimentar este caminho, com um grande foco em debates e visões construtivas. Foi essa a linha norteadora da programação de cinema, e também no que toca à parte de indústria. Vivemos um período histórico, onde impera um certo negativismo, e o mundo do cinema não é exceção. Nós acreditamos que o cinema sempre foi um veículo de inspiração para o futuro, um instrumento para nos mostrar o que está errado e como o podemos mudar. Queremos reclamar esse cariz construtivo para a sétima arte, daí o lema do ano: "The future is unwritten" (o futuro está por escrever).

A programação inclui sessões competitivas e não competitivas (sessão ECOS e “Be Kind Rewind”, por exemplo). Qual foi o critério para selecionar os filmes da Competição Lince de Ouro e da Secção Nacional?

O critério base é sempre o mesmo: procuramos vozes que se distinguem da multidão; autores com algo a dizer sobre o mundo e a maravilha que é fazer cinema. O princípio é sempre o mesmo. Depois, obviamente que ao longo do processo vamos adicionando parâmetros novos.

Por exemplo, denotamos que, nesta nova colheita de autores nacionais, havia um tema predominante: a crise da habitação e a gentrificação das nossas cidades. Tanto que tínhamos filmes suficientes para fazer um programa especial sobre o tema. Optamos por adicioná-los à competição, escolhendo aqueles que nos pareciam dar perspetivas diferentes e que se complementassem. No fundo o segredo de um bom programa de cinema é mesmo esse, procurar que os filmes se equilibrem uns aos outros e abram uma janela para o que se fez nos últimos 12 meses. Isso acontece de uma forma literal, quando há vários filmes sobre o mesmo tema, mas também de uma forma mais subtil, entre todos os outros filmes escolhidos.

Repetiu-se a estratégia de apoio aos novos talentos, através do “Training Ground” e do “Pitching Forum”. Que peso acrescido dão estas iniciativas ao festival?

São absolutamente vitais. Exibir novo cinema está na génese de tudo, mas queremos ter um impacto concreto no percurso destes novos autores. E, para isso, é preciso ir sempre mais longe. O “Pitching Forum” oferece um programa de treino de pitching, e põe os novos autores cara a cara com as figuras influentes que os podem ajudar a tornar as suas ideias em filmes e séries reais.

O “Training Ground” e o seu conjunto de masterlasses e workshops, é uma plataforma fantástica de partilha de conhecimento, um instrumento muito eficaz na missão de abrir os horizontes dos participantes. Ambos têm muito para oferecer e são peças fundamentais do nosso trabalho e contributo.

Quais os objetivos que pretendem alcançar neste formato de “incubação” e financiamento?

Até certo ponto, democratizar o acesso a apoios e às grandes produtoras, melhor posicionadas para conseguirem financiamento. E, em simultâneo, conectar diferentes agentes de criação. Com este espaço que criamos facilitam-se muito os processos, desde um argumentista que procura um realizador e produtor para o seu conceito, até uma produção que procura co-produtor noutra país. Todos têm a sua oportunidade nestas atividades que pretendem quebrar barreiras e

obstáculos, estimulando a produção e, acima de tudo, garantindo melhores condições.

Este ano, há destaque para o cinema de animação, experimental e infantil (secções Lince de Prata e FESTinha). O é que estas categorias trazem ao ecossistema do festival e ao seu público?

A secção infantil é uma das nossas prioridades. Numa fase em que a atenção da audiência é disputada por tantos outros meios e distrações, é de importância máxima começar a desenvolver hábitos de cinema muito cedo. O FESTinha, para nós, é uma escola de visionamento de cinema, uma forma de abrir o evento a crianças e adolescentes e dar-lhes as ferramentas para conseguirem pensar na sétima arte de forma diferente.

A nossa competição de animação e cinema experimental é pensada para públicos mais maduros e pretende mostrar alguns dos novos autores mais relevantes do momento, nessa área, enquadrando-se, por isso, na lógica tradicional e predominante do evento.

Que novidades têm previstas para a programação deste ano?

Apesar de não ser uma novidade propriamente dita, porque já o temos vindo a fazer ao longo dos últimos anos, em 2025, vamos aprofundar a discussão do impacto da Inteligência Artificial no cinema. Cada vez mais recebemos obras que utilizaram estes novos métodos, e a nova revolução tecnológica parece-nos mesmo imparável. Além disso, temos pouco tempo para a compreender e certificar que segue o percurso ideal, para que o seu impacto negativo seja moderado e o positivo predominante. Voltamos, por isso, a ter uma sessão de curtas produzidas com Inteligência Artificial, na secção ecos, e vamos ter várias sessões sobre o tema, tanto no “Training Ground” como no “Director’s Hub”.

A nível local, de que forma o FEST envolve a cidade de Espinho? Que parcerias estruturam esta ligação com o tecido local?

Fazemos isso a duas velocidades. Em primeiro lugar, ao longo do ano, com o FEST – Cineclube de Espinho, que exhibe cinema o ano inteiro, e criou já um grupo de cinéfilos com um “músculo” cinematográfico bem requintado. O mesmo se pode dizer do trabalho que desenvolvemos, também durante o ano, com o Agrupamento de Escolas Manuel Gomes Almeida, onde fazemos sessões, workshops e o concurso do “Curt.as.fitas”, que terá a cerimónia de exibição dos trabalhos dos alunos e entrega de prémios, no dia 21 de Junho, às 21h30.

Em segundo lugar, esse envolvimento traduz-se através de parcerias e relações estreitas com os grandes ícones e marcas da cidade: como a Solverde, a Aipal e tantos outros, que são peças fundamentais e cuja relação estimamos muito.

Sabemos que o FEST atrai audiências jovens e profissionais. Qual o perfil do público que esperam este ano? Que iniciativas específicas estão previstas para envolver os mais novos ou viajantes especializados?

O programa está pensado para diferentes públicos. Temos o FESTinha para as crianças e adolescentes; mas contamos também com uma sessão especial a pensar nos idosos, onde vamos exibir o “Revolução Sem Sangue”, de Rui Pedro Sousa. O resto da programação não tem exatamente públicos-alvo específicos, tem sim uma variedade grande, de forma a apelar a diferentes pessoas.

O programa é exigente, mas tem também um cariz popular, com sessões de comédia, cinema de género e uma série de outras





Acreditamos que o cinema sempre foi um veículo de inspiração para o futuro, um instrumento para nos mostrar o que está errado e como o podemos mudar.

temáticas apelativas a todo o tipo de audiências, que convivem em harmonia com as opções mais art-house, que também existem em abundância.

A programação musical e performativa associa-se ao cinema – com showcases e sessões “Cinema & Música”. Que balanço fazem desta fusão de linguagens e o que distingue a componente musical, neste contexto?

O balanço é positivo, é uma área em que queremos investir mais no futuro, e estamos a procurar parceiros para desenvolvê-la. É estranho como os mundos da música e cinema vivem tão divorciados. Habitualmente, restringe-se a cine-concertos, que são muito interessantes, mas as fusões podiam ser tão mais profundas. O “Music Walk With Me”, a secção onde vários músicos e compositores mostram o seu trabalho como ponto de partida para a criação de sinergias e produção de bandas sonoras, é a parte mais jovem do FEST. Temos feito várias experiências interessantes e acreditamos que, nos próximos 5 anos, esta secção vai ganhar progressivamente mais destaque.

Sob o mote “New Directors | New Films”, qual o valor do festival para os cineastas emergentes – e qual o potencial de lançamento internacional que o FEST tem revelado?

Nós próprios ficamos surpreendidos com o perfil internacional do nosso evento. Ao longo dos anos, a nossa programação tornou-se numa referência. Os nossos programas não são exatamente óbvios. Claro que incluem vários êxitos incontornáveis, mas estão também recheados de verdadeiras descobertas arriscadas, dentro do circuito de festivais. É frequente os filmes ganharem uma nova vida e fôlego, depois de passarem pelo FEST. É algo que nos dizem muito, tanto programadores de outros eventos, como os próprios cineastas.

Por isso, o valor ao nível de projeção de uma seleção no evento é maioritariamente esse. No entanto, acrescentaria que, no fundo, o que distingue o evento de tantos outros é o ambiente aberto e o espírito inspirador que, tanto a programação como o tipo de participantes que passa por aqui, criam. O nosso

público é especial e temos tentado cultivar um espírito que, frequentemente, dá novo alento a jovens criadores que, nesta indústria tão frequentemente ingrata, podem muito facilmente ser desencorajados a continuar, independentemente do valor do seu trabalho.

Com convidados anteriores como Asghar Farhadi, Gaspar Noé, Bruno Carnide, e outros nomes consagrados, haverá este ano presenças já confirmadas? Como equilibram celebridades e novos talentos na vertente da indústria?

Nunca pretendemos ser um festival de celebridades. Não temos zonas VIP, nem carpetes vermelhas. Sinceramente, esse é um lado da indústria que não nos interessa muito. Os convidados que temos são de grande perfil, por vezes até são mesmo celebridades, mas marcam presença porque acreditamos que têm algo de concreto a oferecer, para além de uma fotografia e de um post no Instagram. São pessoas como todas as outras, com uma experiência de vida e profissional invulgar e inspiradoras, sem dúvida.

Esse equilíbrio com os novos autores faz-se de forma muito natural, exatamente porque não os encaramos como celebridades. Um dos aspetos mais curiosos do FEST é que ambos os mundos partilham uma mesa de jantar, no Salão Nobre da Piscina Solar Atlântico. Comem a mesma comida, bebem o mesmo vinho, vão às mesmas festas no Doo Bop, e caminham pelas mesmas ruas de Espinho, ao longo de uma semana. É tudo muito natural.

Quais os principais desafios que tiveram de ultrapassar, na organização desta edição?

Tivemos vários desafios. O mais óbvio foi a quantidade extrema e inesperada de submissão de filmes e projetos que recebemos: mais de 4600 filmes e 400 projetos. Inevitavelmente, causou uma série de atrasos na nossa preparação, e temos estado numa luta intensa contra o tempo, desde abril, mas, felizmente, contornámos com grande sucesso. A energia da nossa equipa é inesgotável.

Depois, há outros desafios mais difíceis de contornar. O crescimento dos preços do alojamento em Espinho tem sido intenso e, associado ao preço crescente das viagens, principalmente aéreas, aumentou significati-

vamente o investimento que os participantes precisam de fazer, para chegar e ficar em Espinho. Em 2015, a média dos participantes gastava entre 200 a 400 euros, para cá chegar e estar, sobrando ainda capacidade para gastar noutras áreas da economia local. Hoje, é mais do dobro. Isso obrigou-nos a descer os valores de acesso ao evento, para tentar equilibrar a balança, mas claro que tem um impacto negativo e não é sustentável continuar assim por muito tempo.

Esta subida de preços impacta também na equipa que conseguimos angariar fora da cidade, que não consegue acompanhar as rendas cobradas e, por vezes, opta por não se juntar ao FEST. Não podemos fazer muito em relação às viagens, mas acreditamos que é perfeitamente possível atuar ao nível da habitação e alojamento turístico. As cidades mais inovadoras do planeta (Nova Iorque, Amesterdão, Tóquio, Toronto, etc) estão todas a tomar medidas, algumas aparentemente radicais, para controlar este fenómeno destrutivo. Não é preciso reinventar a roda, é só seguir o exemplo e a coragem. Mas Portugal está ainda muito longe de sequer ter uma perceção clara deste fenómeno, apesar de o sentirmos na pele.

Tenho noção de que é uma esperança extremamente otimista, mas acredito que Espinho tem todo o potencial visionário para dar os primeiros passos nesse sentido e ser um exemplo para o país. O primeiro a ter a coragem política para o fazer terá o futuro nas suas mãos. O FEST agradecia, e não duvido que a população também.

Por fim: em 2025 o FEST celebra a 21ª edição – o que desejam para o futuro a médio prazo?

Sempre tivemos uma ambição desmesurada e foi essa natureza que fez com que o FEST crescesse, além das suas capacidades aparentes. Nisso não mudamos nada, nestes últimos 21 anos. Por isso o desejo é um crescimento contínuo, ampliar o nosso alcance para outras áreas criativas e garantir que Espinho é a casa de um evento progressivamente mais influente e vital na vida cultural e até económica do país.

PUB



da terra



· Património Cultural IP entregou galardão de inscrição da Arte Xávega no Inventário Nacional Imaterial

Depois de ter “segurado o barco”, Maria Manuel Cruz diz estar pronta para transformar as críticas em “soluções reais”

Joel de Oliveira

A Presidente da Câmara Municipal de Espinho, Maria Manuel Cruz, considera que o concelho está hoje “mais estável” e com perspetivas de futuro, assentes numa política “séria e responsável” de continuidade. A edil aproveitou o discurso da sessão solene das comemorações do 52º aniversário de Elevação de Espinho a Cidade para fazer uma resenha do atual mandato e, numa sala António Gaió a meio gás, lembrou que depois da detenção de Miguel Reis no âmbito da Operação Vórtex, em janeiro de 2023, a autarquia estava perto do “colapso institucional”. “Havia um vazio de liderança que ameaçava a nossa sobrevivência. Ninguém estava ou estaria preparado para o panorama que encontramos”, avaliou. Não obstante, Maria Manuel acredita que a sua equipa “segurou o barco”, ao recuperar a confiança da comunidade e das instituições. “Encerramos dossiers antigos e priorizamos o equilíbrio financeiro. Hoje podemos dizer que reestabelecemos a estabilidade nas finanças municipais, reforçamos a poupança corrente, e não deixamos nova dívida”. A Presidente, que já assumiu a sua candidatura como independente à Câmara Municipal nas

Autárquicas deste ano depois de ter perdido a confiança do Partido Socialista, também deixou recados aos seus adversários políticos. “Os que encontram sempre forma de criticar, dirão que estes números [relativos à saúde financeira do Município] representam um excesso de zelo, ou até uma falta de investimento. Mas é bom que não esqueçamos que foram estes que, muitas vezes, deixaram a Câmara Municipal enterrada em projetos megalómanos” – atirou.

“Sabemos que as nossas estradas são motivo de justa preocupação”

Maria Manuel Cruz entende que o trabalho do executivo que lidera “possa não ser valorizado por todos”, mas reafirmou de forma “confiante” que Espinho está agora “no caminho certo”, que a Câmara Municipal está a mostrar “sinais claros de recuperação” e, por isso, “preparada” para cumprir com os compromissos anunciados. Enumerando vários projetos já com “frentes ativas” – como a recuperação da Nave Desportiva, da Domingos Capela e da cobertura do Centro Multimeios, ou as intervenções nos centros de saúde das freguesias – Maria Manuel Cruz

fez também saber que o Município já contratou mais de 2,5 milhões de euros para proceder a melhorias no sistema de abastecimento de água concelhio. “Adquirimos nova maquinaria para a limpeza urbana. Lavagem de equipamentos e limpeza de praias. Temos vindo a reforçar o serviço de jardinagem e manutenção de espaços verdes. Vemos já repavimentações iniciadas nalguns locais. Implementamos uma nova estrutura orgânica nos serviços municipais, com menos divisões e chefias, e vamos continuar neste reforço de meios humanos. Estamos ainda a testar um novo serviço de atendimento digital na área do Urbanismo” – fez saber. Entre os investimentos anunciados, estão ainda mais de cinco milhões de euros para responder à escassez de habitação, e outros 6,5 milhões para intervenções no espaço público, nomeadamente na requalificação de vias, praças e jardins. “Sempre tivemos como eixo prioritário a resolução dos problemas do dia a dia. Não nos esquecemos dos passeios nem dos muros, e sabemos que as nossas estradas são motivo de justa preocupação. Todas essas críticas são certas, mas tivemos que começar pelo essencial. Agora sim, com fundos garantidos, estamos prontos para as transformar em soluções reais” – garantiu.



· José Emílio-Nélson, pseudónimo do poeta José Emílio Marmelo e Silva, recebeu a medalha de honra da cidade

“A cidade está a respirar, e as feridas institucionais começam a sarar”

Olhando para a frente, Maria Manuel Cruz vincou a necessidade de “um contrato intergeracional” em Espinho, respeitando a ideia de que o concelho está “envelhecido” mas não esquecendo que, simultaneamente, existem jovens que cá gostariam de se fixar. “Temos de apostar em emprego qualificado, transportes públicos eficientes, e espaço culturais dedicados aos mais jovens” – notou. A edil considerou também que a cidade “está a começar a respirar”, e que as feridas institucionais “começam a sarar”. “Sei que há quem duvide da capacidade deste executivo, e respeito isso. Com serenidade vos digo que aquilo que conseguimos fazer neste tempo não foi pouco. Mas Espinho precisa de todos: dos que criticam, dos que fazem, dos que exigem mais, porque sabem que o território merece mais. Espinho merece mais do que divergência ideológica ou distância institucional. E isso constrói-se com compromisso” – sublinhou. Para o final, a autarca deixou uma espécie de lema de campanha: “Espinho é um projeto coletivo, e é o seu futuro que está em causa. Continuaremos a trabalhar por um concelho mais justo, coeso e desenvolvido, pautado pela coragem, rigor e união. Precisamos de uma governação que aprenda a ouvir e a responder, com base no respeito mútuo. O que me move não é a urgência do ciclo político, mas sim a responsabilidade de deixar um território mais capaz, justo e sustentável para quem vier a seguir”.

José Emílio-Nélson, Armando Bouçon e “Patinhas sem Lar” homenageados

Em 2025, o Município de Espinho atribuiu a medalha de honra da cidade e o título de cidadão de Espinho ao poeta, crítico e editor José Emílio-Nélson, pseudónimo literário de José Emílio de Oliveira Marmelo e Silva, pelo impacto e relevância cultural da sua obra. Economista de formação, é filho do escritor José Marmelo e Silva, que dá nome à Biblioteca Municipal, e estreou-se nas lides poéticas em 1979, com “Polifonia”. Outro dos homenageados da sessão foi o historiador e diretor do Museu Municipal de Espinho, Armando Bouçon, pela relevância da sua pesquisa e investigação. “A divulgação da nossa história é um dos pilares fundamentais para a afirmação da identidade e desenvolvimento local. Deve ser uma prioridade das políticas públicas, e é imprescindível no legado que queremos deixar às gerações futuras” – considerou Armando Bouçon, já depois de receber o galardão. Também a associação “Patinhas sem Lar” foi distinguida, com um diploma de louvor no domínio da proteção animal, pelo “mérito e relevância” do trabalho que tem vindo a desenvolver. Instada a dizer algumas palavras, Ana Paula Castro, um dos rostos da associação, descreveu os últimos doze anos como “tempos muito difíceis”. “Temos de agradecer à senhora Presidente da Câmara, Maria Manuel Cruz, que em tempo recorde, e na iminência de termos que devolver os 250 mil euros conseguidos para a criação de um novo abrigo, conseguiu resolver o impasse administrativo da cedência de um terreno para o efeito. Continuamos a contar com o apoio do Município, até porque temos impreterivelmente de concluir as obras até ao final do ano” – avisou. Esta era uma reclamação antiga da associação, que acompanhou praticamente todo o mandato da atual autarca, e que termina agora com desfecho risonho. Foram ainda, como habitualmente, homenageados os funcionários municipais com 25 anos de carreira ao serviço do Município.

Foi também durante a sessão solene que a

Câmara Municipal recebeu das mãos de Ana Paula Castro, representante do Património Cultural IP, o reconhecimento da inscrição da Arte Xávega de Espinho no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. O regime de salvaguarda urgente reconhece a necessidade imediata de implementar medidas que garantam a continuidade da Arte. “Reconhecemos a relevância desta prática tradicional, que é também ela um reflexo identitário das comunidades, e representa uma significativa dimensão histórica, social e cultural da região. Tem contribuído, também, para a sustentabilidade ambiental dos territórios onde é implementada” – disse a representante do Património Cultural. A sessão solene começou com um momento musical, protagonizado por mãe e filha: Sofia Guedes (canto) e Maria Eduarda Sousa (harpa). Juntas, interpretaram três temas da autoria de Fausto Neves, inicialmente concebidos para piano, e que foram pela primeira vez tocados com recurso à harpa.

PUB

Tel.: 224 951 894
Rua 23 N°50 4500 - 802 Espinho

CENTRO EMPRESARIAL DE 20 MILHÕES DE EUROS INAUGURADO EM PARAMOS



Foi inaugurado na tarde de segunda-feira, 16 de junho, o novo Centro Empresarial de Espinho, situado na Zona Industrial da freguesia. Apesar de algumas infraestruturas públicas ainda estarem em fase de conclusão, o empreendimento representa um investimento significativo de cerca de 20 milhões de euros e promete impulsionar o desenvolvimento económico local. A cerimónia contou com a presença da Presidente da Câmara Municipal de Espinho, Maria Manuel Cruz, que destacou a importância do projeto para a localidade e para o concelho, sublinhando o impacto positivo na criação de emprego e na fixação de

população jovem. Para a autarquia, o novo centro representa uma "nova centralidade" para Paramos. Maria Manuel Cruz não deixou de recordar os desafios enfrentados durante a concretização da obra, especialmente por ter coincidido com o início da Operação Vórtex e a queda do anterior executivo. "Não foi fácil. Passámos por momentos muito difíceis e sob grande escrutínio", afirmou, elogiando o empenho da equipa de Urbanismo da autarquia que considerou o projeto uma mais-valia para todo o município. O presidente da Junta de Freguesia de Paramos, Manuel Dias, também participou na cerimónia, manifestando

orgulho no novo espaço e agradecendo aos investidores e técnicos envolvidos. Classificou o centro como "um diamante por lapidar" e revelou que está previsto um novo investimento habitacional do Grupo Tagar, que poderá reforçar a atratividade residencial da freguesia. Em representação do Grupo Tagar, um dos investidores, Ilídio Tavares destacou a preocupação em desenvolver um projeto com "dignidade e harmonia com a envolvente", expressando o desejo de que a população reconheça os benefícios da obra, apesar dos transtornos causados durante a sua execução.

Anta assinalou 32 anos como vila com tributo a instituições e figuras da comunidade

A Junta de Freguesia de Anta e Guetim celebrou na última sexta-feira, 13 de junho, o 32.º aniversário da elevação de Anta a vila com uma cerimónia solene marcada por homenagens a entidades e cidadãos que marcaram a vida local. Entre os distinguidos estiveram

Palmira Silva e Alda Bernardes, reconhecidas pelo papel fundamental na criação do Grupo de Peregrinos de Anta, que há quase 40 anos apoia peregrinações a Fátima. Na área desportiva, o Império de Anta Futebol Clube foi celebrado pelo seu legado no associativismo e no futebol popular da região. A Unidade de Saúde Familiar de Anta foi também homenageada pela excelência no serviço à comunidade, especialmente num contexto de desafios para o SNS. A Associação de Socorros Mútuos de São Francisco de Assis e o seu

presidente, Manuel Rocha, receberam reconhecimento pela sua ação social duradoura. No setor empresarial, a Canard Bordados foi distinguida pela sua relevância económica e impacto na produção têxtil, com Lílina Pinto, filha do fundador, a receber o tributo. Por fim, Fernando Fernandes foi aplaudido pelo percurso de décadas ao serviço da comunidade, destacando-se como exemplo de dedicação cívica.

Museu da Chapelaria recebe menção honrosa nos Prémios Acesso Cultura

O Museu da Chapelaria, em São João da Madeira, recebeu uma menção honrosa na edição de 2025 dos Prémios Acesso Cultura, anunciados na passada segunda-feira, 16 de junho. O elemento museológico de cariz industrial mereceu destaque pela instalação do seu Fraldário Acessível, aberto aos bebés de pais que queiram usufruir do espaço, mas

também a todas as pessoas, independentemente da sua idade ou género, que dele necessitem. "É uma defesa simples, direta e necessária da equidade. É um manifesto silencioso e justo pelo direito à parentalidade e pelo acesso digno a fraldários – sem limite de idade, sem género específico – e pelo pleno usufruto da cultura" – justificou o júri, considerando a iniciativa "inovadora". Este ano, os Prémios Acesso Cultura distinguiram nove projetos – com quatro prémios e cinco menções honrosas – pelas políticas exemplares e boas práticas na promoção da melhoria das condições da acessibilidade cultural. O Pré-

mio Acesso Cultura – Mickaella Dantas 2025 foi entregue à Get Art – Associação Regional para a Promoção e Gestão Cultural (Açores), à Associação de Amigos do Coliseu do Porto e ao encenador André Murraças. Já o Prémio Acesso Cultura – Linguagem Clara foi atribuído ao Teatro Luís de Camões, com uma menção honrosa para o Museu do Ipiranga (Brasil). O anúncio do palmarés ocorreu numa cerimónia realizada ao final da tarde da passada segunda-feira, no Museu Nacional dos Coches, em Lisboa.

o explicador



COMO ESCOLHER O MELHOR PROTETOR SOLAR?

O protetor solar é um aliado indispensável para quem se expõe ao ar livre em dias solarengos. Embora o Sol traga benefícios - como a produção de vitamina D e o auxílio no tratamento de algumas doenças -, a exposição excessiva aos raios ultravioletas (UV) pode provocar queimaduras, envelhecimento precoce e aumentar o risco de cancro da pele. Escolher um bom protetor solar é, por isso, uma medida de saúde.

Por que razão o fator de proteção solar é tão importante?

O primeiro dado a verificar num protetor solar é o FPS (fator de proteção solar). Este número indica o grau de proteção contra os raios UVB, os principais responsáveis pelos escaldões e pelas lesões mais visíveis da pele após um dia ao sol.

O que significa um FPS 30 ou 50?

Um FPS 30 consegue bloquear cerca de 96,7% da radiação UVB, enquanto o FPS 50 pode filtrar cerca de 98%. A diferença pode parecer pequena, mas para pessoas com pele clara, sensível ou com histórico de doenças cutâneas, essa diferença percentual faz a diferença.

Há ingredientes a evitar?

Sim. Muitos protetores solares contêm substâncias potencialmente nocivas e algumas continuam a ser comercializadas apesar das dúvidas científicas quanto à sua segurança. Entre elas, destacam-se: perfumes e fragrâncias alergénicas, cyclopentasiloxane (presente em alguns sprays, é considerado inseguro para inalação, o que o torna

desaconselhável nesse formato), ethylhexyl methoxycinnamate (suspeito de afetar o sistema hormonal), homosalato e octocrileno (apesar de autorizado até 10%, pode degradar-se em benzofenona, uma substância suspeita de ser cancerígena).

Protetores de rosto e corpo são iguais?

Durante anos, os protetores solares eram produtos quase exclusivos da estação balnear. Hoje, já se percebeu que o rosto necessita de proteção durante todo o ano, inclusive em dias nublados ou em passeios rápidos ao ar livre. Embora o nível de proteção solar seja idêntico, os protetores faciais têm fórmulas mais leves, fluidas e adaptadas à pele delicada do rosto. São menos gordurosos, evitam o brilho excessivo e não costumam conter fragrâncias intensas associadas ao verão.

E no caso das crianças?

A pele das crianças é mais fina e "imatura", com mecanismos de defesa menos desenvolvidos. Isto torna-as particularmente vulneráveis aos efeitos nocivos dos raios ultravioleta. Por isso, até aos seis meses, não se recomenda levar bebés à praia. A partir dessa idade, e nas zonas não protegidas pela roupa, pode aplicar-se protetor solar com FPS 50 ou superior, adequado à pele infantil. Deve evitar fragrâncias e ingredientes potencialmente alergénicos. E, tal como nos adultos, aplique o produto 20 a 30 minutos antes da exposição ao sol, repetindo a aplicação de duas em duas horas ou sempre que a criança saia da água e seque.

Onde se deve guardar o protetor solar?

O protetor solar deve ser guardado num local fresco, seco e protegido da luz solar direta. Evite deixá-lo exposto ao sol ou ao ar livre, por exemplo, em cima da toalha de praia ou no tablier do carro - o calor excessivo pode alterar a composição do produto e comprometer a sua eficácia. Também não deve ser guardado no frigorífico, nem na casa de banho, onde a humidade é elevada e pode acelerar a degradação da fórmula. O ideal é manter a embalagem bem fechada, à temperatura ambiente, afastada de janelas ou fontes de calor.

Fonte consultada: DECO Proteste

PUB

An advertisement for 'O Golfinho' restaurant. At the top, there is a logo with a blue and orange fish and the text 'O Golfinho Marisqueira / Snackbar'. Below the logo, the contact information is listed: 'Tel.: 22 734 4294' and 'Rua 2 N°663, Espinho'. The main part of the ad is a photograph showing the interior of the restaurant, which has a view of the ocean and a sunset. There are tables with blue tablecloths and chairs.

destaque



“Sky Bay”, móveis e licenciamentos: tribunal prossegue audições na Operação Vórtex

Adriana Resende de Castro

As sessões de julgamento da Operação Vórtex, realizadas nos dias 12 e 13 de junho no Tribunal de Espinho, foram marcadas por novos depoimentos sobre licenciamentos urbanísticos na cidade, nomeadamente sobre a tentativa de construção do hotel “Sky Bay”, na primeira linha do mar. Técnicos da APA – Agência Portuguesa do Ambiente, empresários e prestadores de serviços detalharam procedimentos administrativos, pareceres técnicos e encomendas privadas.

Um dos momentos centrais das audições foi o depoimento do engenheiro António Santos, antigo chefe de divisão da Administração Geográfica do Norte da APA, que prestou esclarecimentos sobre o processo relativo ao projeto do hotel “Sky Bay”, previsto para um terreno junto à Rua 2, em Espinho.

Segundo o técnico, o pedido de informação prévia para o licenciamento foi, inicialmente, submetido por email, em janeiro de 2021, pelo arquiteto João Rodrigues. Este tipo de submissão, embora informal, não era incomum. O pedido incidia sobre a demolição de um edifício existente e a construção de um hotel numa zona classificada como de risco de galgamento marítimo e potencial domínio público marítimo.

A tramitação do processo incluiu a atribuição ao engenheiro Tiago Pinto, da APA, técnico da área costeira. O parecer técnico emitido foi desfavorável, sustentado nos critérios da dominialidade pública e da salvaguarda do risco costeiro. António Santos explicou que essas condicionantes são, por norma, impeditivas de aprovação e que, mesmo que se considerasse ajustamento do projeto, a viabilidade técnica seria reduzida.

Apesar da emissão do parecer, foi pedida uma reunião com a APA. A reunião viria a realizar-se após o parecer negativo e contou com a presença de técnicos da APA, incluindo o próprio António Santos, o engenheiro Tiago Pinto, aos quais se juntaram o arquiteto João Rodrigues e Francisco Pessegueiro. Na reunião, segundo o depoente, foram discutidas alternativas e esclarecidas as limitações legais aplicáveis, sem que daí resultasse qualquer alteração ao parecer.

Foram ainda referidas reuniões internas da APA, incluindo uma por videoconferência com o Departamento do Litoral e Proteção Costeira, destinadas à avaliação da zona de risco, tendo o processo mantido a sua natureza desfavorável.

Durante a audição, o juiz Carlos Azevedo questionou a razão pela qual, apesar da clareza técnica do parecer, ter sido realizada a reunião com o requerente. António Santos

explicou que tal acontece, em certos casos, por insistência dos interessados, embora a posição técnica da entidade raramente se altere.

Foi também abordada a revisão do novo POC (Programa da Orla Costeira), em curso à data, e a delimitação histórica do domínio público marítimo, em Espinho. O processo incluía elementos da Câmara Municipal, da Marinha e da APA, e não estava finalizado à data dos factos. O técnico esclareceu que a dominialidade e o risco são critérios correlativos e que, mesmo em caso de revisão do projeto, dificilmente se ultrapassariam as limitações existentes.

O arquiteto João Rodrigues tomou a palavra para referir que, no processo, foram incluídas peças documentais e cartográficas, demonstrando que a parcela em causa estaria fora do domínio público, com base em mapas históricos de 1964. Referiu ainda que foram previstas alterações ao projeto com materiais mais sólidos e adaptações ao PDM, para responder às exigências da nova zona de risco identificada no POC.

Durante a audiência, o antigo Presidente da Câmara Municipal de Espinho, Pinto Moreira, também interveio, referindo que, no seu mandato, sempre existiram divergências entre a autarquia e a APA, relativamente à delimitação da margem costeira e à necessidade

de pareceres para obras de manutenção em espaço público. Afirmou que, no caso específico de Espinho, a Câmara havia solicitado à APA a revisão histórica do domínio público marítimo, processo que estaria ainda em curso à data dos factos. Referiu ainda que, na sua perspetiva, a filosofia subjacente ao novo POC – centrada no risco costeiro – representava uma mudança de orientação que gerou tensão entre municípios e a administração central.

Miguel Reis, ex-autarca socialista, reiterou que, quando assumiu funções, o processo já estava em fase avançada e que a questão da demarcação da frente marítima era uma preocupação histórica do município. Confirmou que a revisão do documento da dominialidade estava em curso, mas não sabia se fora formalmente publicada após a sua saída da autarquia.

Outro momento relevante deu-se com os testemunhos de empresários ligados à construção civil e carpintaria. Emídio Batista, procurador de um proprietário de imóvel na Rua 22, vizinho do edifício “The 22 Plus” da Construções Pessegueiro, esclareceu ter autorizado por escrito o encosto de coberturas entre os prédios, mas afirmou não ter redigido os documentos, que lhe foram apresentados já preparados.

“Pessegueiro era alguém muito controlador e atento aos detalhes”

Posteriormente, foi a vez da testemunha Álvaro Ribeiro Moreira, marceneiro empregado de Marcelo Ribeiro de Sousa, empresário na área da carpintaria e construção, que também foi ouvido e cujo depoimento foi particularmente extenso, tendo constituído momentos cruciais das audiências de 12 e 13 de junho. Antigo arguido no processo, Marcelo Sousa voltou a ser chamado ao tribunal para esclarecer o seu papel na execução de mobiliário para a residência do então Presidente da Câmara Municipal de Espinho, Miguel Reis. A importância do seu testemunho centrou-se na forma como os contactos foram estabelecidos, quem coordenava o trabalho e em que moldes se processou o pagamento.

Durante a audição, o empresário relatou que foi contactado por Francisco Pessegueiro, arguido no processo, que lhe transmitiu a necessidade de fornecer móveis à esposa do então autarca Miguel Reis, a arquiteta Cristina Costa. Sousa disse ter recebido os desenhos dos móveis diretamente da arquiteta, mas também indicou que foi Pessegueiro quem lhe solicitou o envio do orçamento. A comunicação e acompanhamento do processo ficaram, segundo as suas palavras, nas mãos de Pessegueiro, a quem se referiu como alguém “muito controlador” e atento aos detalhes. O empresário revelou ainda que, embora o orçamento tivesse sido aprovado, a fatura final, no valor de aproximadamente 14 mil euros, apenas foi paga parcialmente, devido ao início da Operação Vórtex.

Esta questão relativa à faturação foi amplamente debatida, durante o julgamento,

com destaque para a ausência de sinais ou adiantamentos financeiros prévios e para a falta de clareza sobre quem, de facto, encomendou os móveis e a quem seria passada a fatura. Apesar de Marcelo Sousa ter apontado Cristina Costa como a interlocutora final, escutas incluídas no processo deixam o juiz presidente em dúvida sobre quem iria executar o pagamento e em nome de quem seriam passados os dados de faturação: “Algum sinal que ela te tente dar, diz que não é da conta dela” [referido por Francisco Pessegueiro a Marcelo Sousa, em chamada telefónica].

Foi abordada ainda a existência de uma alegada incongruência, na medida em que o orçamento apresentado pela empresa de Marcelo data de 21 de outubro, mas este refere como primeiro contacto com a arquiteta Cristina o dia 26 do mesmo mês.

Marcelo Sousa acabou por reconhecer que a sua relação com Pessegueiro nem sempre foi fácil, mas que este continuava a ser um “bom cliente”, razão pela qual optou por manter o diálogo e acatar instruções, mesmo que fora dos procedimentos usuais: “A única coisa que eu sei é que, vindo do sr. Francisco Pessegueiro, uma pessoa que tinha controlo em tudo, eu não ia passar o valor [da fatura referente aos móveis] à Sra. Arquiteta Cristina sem falar com ele, senão ia arranjar problemas”.

Paralelamente, Marcelo Sousa foi também questionado sobre o projeto de construção na Avenida 24, no qual a sua empresa esteve envolvida em conjunto com a firma Branco & Pires, de Bragança. O empresário revelou que o arquiteto João Rodrigues, arguido no processo, o abordou com a proposta e que o envolvimento da construtora Massive estava previsto desde o início. O objetivo seria viabilizar um edifício com um piso adicional – o que, segundo disse, causava alguma incerteza quanto à aprovação camarária.

No final da sessão, o juiz confrontou o empresário com as incongruências entre as suas declarações em sede de julgamento e as escutas já constantes no processo. O magistrado instou Marcelo Sousa a colaborar com transparência e a esclarecer, com exatidão, quem autorizou a execução do mobiliário e em que termos. O empresário apontou tanto Francisco Pessegueiro como a arquiteta Cristina Costa como interlocutores, mas sem conseguir indicar com precisão quem validou e adjudicou o trabalho.

Também foi ouvido Manuel Silva Pinto, trabalhador independente na área da decoração, que confirmou ter atuado como intermediário na aquisição de estofos e cortinados, a pedido de Francisco Pessegueiro. Declarou ter indicado empresas da área, acompanhado os contactos e assegurado a entrega de cadeiras encomendadas perto da época de Natal, referindo que só mais tarde soube que se destinavam à residência da esposa de Miguel Reis. A entrega foi realizada por si, pelo facto de a empresa não conseguir fazê-lo diretamente, tendo mencionado que a fatura foi emitida posteriormente. Confrontado com a ausência de guia e dúvidas sobre os pagamentos, reiterou que não

recebeu qualquer comissão e que este tipo de atuação era comum no setor. A guia de transporte terá sido passada pelo mesmo, manualmente.

Este conjunto de declarações inscreve-se numa teia mais vasta de interações, favorecimentos e decisões técnicas que marcam a Operação Vórtex, cuja investigação procura determinar se houve favorecimentos indevidos por parte da autarquia de Espinho a promotores imobiliários e construtores locais, em troca de vantagens pessoais ou políticas.

No dia 13 de junho, foram ainda ouvidas diversas testemunhas indicadas pela defesa do arquiteto João Rodrigues, que prestaram declarações sobre a sua atuação profissional em contextos distintos.

Maria Luís Chaves dos Santos, farmacêutica, declarou ter contratado os serviços do arquiteto em 2016 ou 2017 para um projeto de construção de um edifício relacionado com formação contínua. Descreveu a relação como estritamente profissional, destacando a organização e objetividade de João Rodrigues, ao longo do processo. Referiu ainda que voltou a contactá-lo cerca de um ano e meio depois, para requalificação do mesmo edifício, na sequência de danos provocados por um tornado.

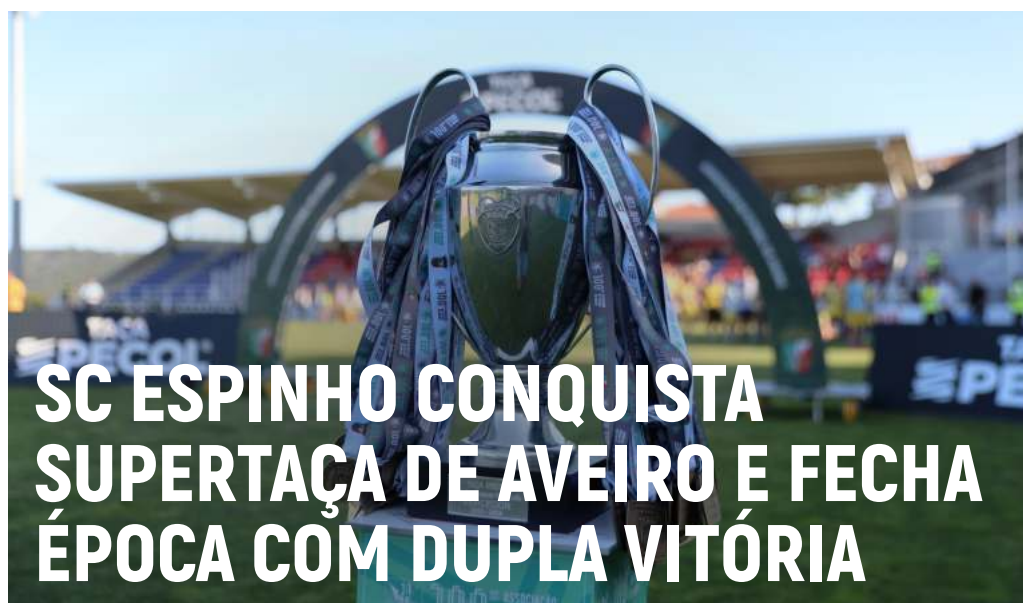
Artur Manuel Monteiro Pinto, pároco da Paróquia de Espinho, afirmou conhecer João Rodrigues há cerca de 10 anos, inicialmente no contexto das obras de recuperação da Igreja Matriz, onde este integrava a equipa de fiscalização. Relatou que o arquiteto foi um elemento ativo e atento na defesa dos interesses da paróquia, e que, noutras intervenções, como na Capela de Santa Maria Maior, ofereceu o projeto sem contrapartidas, à semelhança de outros arquitetos locais. Confirmou que João Rodrigues participou em atividades de um grupo de jovens ligado à paróquia.

Horácio Correia Pinto, juiz conselheiro, testemunhou conhecer o arquiteto desde há 15 a 20 anos, tendo recorrido aos seus serviços para um projeto no Porto. Mencionou uma relação profissional prolongada e descreveu João Rodrigues como uma pessoa rigorosa, pontual e direta no trato, tendo afirmado que nunca lhe foi proposto algo que extravasasse os limites profissionais normais.

Fernando Jorge, empresário da área da construção de imóveis, declarou ter conhecido o arquiteto numa feira do setor, na Exponor, por volta de 2012 ou 2013, e que o contratou para desenvolver um projeto em Leça da Palmeira. Indicou que o projeto foi concluído e que João Rodrigues manteve sempre uma postura profissional, com atenção à legalidade dos procedimentos urbanísticos.

A próxima sessão está agendada para o próximo dia 20 de junho, sexta-feira, com novas testemunhas, e terá início pelas 09h30, no Tribunal de Espinho.

desporto



SC ESPINHO CONQUISTA SUPERTAÇA DE AVEIRO E FECHA ÉPOCA COM DUPLA VITÓRIA

O SC Espinho voltou a brilhar no futebol distrital ao vencer a Supertaça de Aveiro, este domingo, 15 de junho, frente ao Florgrade FC. A partida, disputada no Estádio do Mergulhão, em Cesar, terminou com um triunfo por 2-0 para os "tigres", que somam assim o segundo troféu da época 2024/2025. Pedro Santos abriu o marcador aos 50 minutos, com um cabeceamento certo após um canto. Já perto do final, aos 81, Ricardo Rodrigues confirmou a vitória ao finalizar com frieza um contra-ataque conduzido por Diogo Cunha. Depois de conquistar a Taça de Aveiro frente à Ovarense, o SC Espinho encerra a temporada com duas conquistas e um terceiro lugar no Campeonato Sabseg, afirmando-se como uma das equipas em maior destaque no distrito de Aveiro.

Leões Bairristas conquistam Taça Cidade de Espinho e ficam a um passo do quadruplete

A equipa dos Leões Bairristas continua a assinar uma época memorável. No sábado, 14 de junho, a formação de Silvalde venceu a Juventude da Estrada por 1-0 e garantiu a Taça Cidade de Espinho, somando o terceiro troféu da temporada. Num duelo equilibrado e competitivo, o golo decisivo surgiu aos 81 minutos, por intermédio de Hélder Peixinho,

selando o triunfo no Campo da Seara. Depois de já ter vencido a 1.ª Divisão RSTAR e a Taça Associação Peraltfil, o emblema bairrista soma agora três conquistas em 2024/2025. Resta um desafio para atingir o pleno: a Supertaça Peraltfil, onde volta a enfrentar a Juventude da Estrada.

Hugo Gomes é o novo presidente da Casa do Benfica de Espinho

A Casa do Benfica de Espinho deu início a um novo ciclo diretivo no passado dia 6 de junho, com a tomada de posse dos órgãos sociais para o triénio 2025-2027. A cerimónia reuniu associados e simpatizantes num ambiente de união em torno do clube encarnado. Hugo Gomes assume agora a presidência, com o objetivo de aproximar a Casa dos sócios e da

comunidade local, apostando na dinamização de eventos e na captação de novos membros. No discurso de posse, reforçou o compromisso com uma gestão participativa e fiel aos valores do Sport Lisboa e Benfica. Também tomaram posse Guilhermino Pereira, como presidente da Mesa da Assembleia Geral, e João Roque, que liderará o Conselho Fiscal.

Sporting Clube de Espinho em destaque no Torneio de Natação Cidade de Estarreja

A Secção de Natação do Sporting Clube de Espinho marcou presença no 34.º Torneio de Natação Cidade de Estarreja, realizado a 10 de junho nas Piscinas Municipais locais. O evento reuniu 215 nadadores de 16 clubes, com os espinhenses a conquistarem o 10.º lugar coletivo, somando 94 pontos. Com 11 atletas em competição, o clube obteve bons resultados individuais. João Castro (Júnior) alcançou o 2.º lugar nos 100m Mariposa e

Adriana Trindade (Juvenil A) subiu ao pódio com o 3.º lugar nos 100m Costas. Inês Borges (Juvenil B) foi 5.ª nos 50m Livres, enquanto Guilherme Martins (Juvenil A) obteve duas classificações dentro do top 10. As estafetas também garantiram lugares de destaque, com as equipas espinhenses a terminarem entre os 11.º e 13.º lugares nas provas de 4x100m Livres e 4x50m Estilos Misto.

PUB

Terra Viva Restaurante & Merceria BIO
Rua 27 N.º715 e 722
4500-287 Espinho

Central de Ferragens de Espinho, Lda
Rua 12, N.º618 - 4500-228 Espinho
Tel. 227342882
comercial@cfespinho.com

Serviço Take Away
Rua 8 N.º471 Espinho
(frente ao Casino)
Tel.: 22 734 0220

Masters do SC Espinho asseguram nove pódios em torneio de natação



No passado domingo, dia 15 de junho, a equipa master da secção de natação do Sporting Clube de Espinho conquistou nove pódios – oito primeiros lugares e um terceiro – no 10º Torneio de Natação Master do Sport Algés e Dafundo.

António Canelas (Escalação K) venceu todas as provas em que participou – 50 e 100m Mariposa e 100m Bruços. Yolanda Rienderhoff (Escalação E) também venceu as provas de 50 e 100m Bruços e 50m Costas. Fábio Floriano (Escalação H) obteve o primeiro lugar nos 100m Bruços e 50m Mariposa e ficou no terceiro posto nos 50m Bruços.

O torneio foi organizado pelo Sport Algés e Dafundo e realizou-se na Piscina Fernando Sacadura em Algés. O SC Espinho esteve representado por três nadadores.

Cinco jogadores espinhenses destacados no onze ideal da AFA

O Pavilhão Municipal de Mozelos acolheu, no passado sábado, 14 de junho, a oitava edição da Gala da Associação de Futebol de Aveiro (AFA). A cerimónia, que voltou a reunir centenas de agentes do futebol e do futsal distrital, distinguiu clubes, atletas, treinadores, árbitros e dirigentes que mais se destacaram ao

longo da época 2024/2025.

Um dos pontos altos da gala foi a divulgação do onze ideal do Campeonato SABSEG, dominado por jogadores do SC Espinho e da Florgrade FC. A equipa do ano integrou Leo, Rafa, Pedro Santos e Ricardo Rodrigues (SC Espinho); Ricardo Machado, Pedro Sancho, Tiago Jogo, Fábio Vieira e Basit Lanre Ahmed (Florgrade FC); e ainda Nuno Esgueirão e Pedro Martins (AD Ovarense).

O destaque individual da noite foi Basit Lanre Ahmed, da Florgrade FC, que arrecadou

os prémios de Melhor Jogador e Melhor Marcador do Campeonato SABSEG. A excelência do trabalho técnico também foi reconhecida, com o prémio de Treinador do Ano a ser atribuído a Hélder Castro, também da Florgrade FC. Já o prémio de Golo do Ano foi conquistado por Schuster, jogador do SC Esmoriz.

A sessão contou com as intervenções institucionais do presidente da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, Amadeu Albergaria, e do presidente da Direção da AFA, José Neves Coelho.

PUB

Diariamente até às 03:30h

PUB INST

NASCENTE
Cerâmica



Workshop de Cerâmica

orientado por
Silvina Mota

Tema Livre

5 julho | 15h às 18h
Oficina Sede Nascente

[Clique aqui para se inscrever](#)

comunicacao@nascente.org.pt   [nascentecultural](#)



Nascente
Cooperativa de Ação Cultural

